

A Crise no Oriente Médio e a Estratégia Nacional de Defesa

Heitor Freire de Abreu

1. INTRODUÇÃO

O conflito entre Israel e o Hamas¹ na Faixa de Gaza, iniciado em 27 de dezembro de 2008, ocupa o noticiário mundial. Até o presente momento, onde se inicia a terceira semana de guerra, o desfecho é imprevisível. Tanto Israel quanto o Hamas encontram dificuldades para chegar a um acordo que cessem os ataques, apesar do esforço de países como França e Egito nesse sentido.

Israel, como tem sido recorrente em sua política externa, rejeitou a resolução da ONU que determinou o cessar-fogo. O Hamas adotou a mesma posição. Como pano de fundo, há fatores políticos, como as eleições de fevereiro em Israel e a luta pelo poder na Palestina entre Hamas e Al-Fatah². Os países vizinhos adotam posições diferentes, o que torna o tabuleiro ainda mais complexo: o Irã, que segundo estimativas pode ter sua bomba nuclear em dois ou três anos³, apóia o Hamas por meio de armas, treinamento e dinheiro, a Síria está formalmente em guerra contra Israel, o Egito⁴ reconhece a existência do Estado judeu, assim como a Arábia Saudita⁵ e a Jordânia. O Líbano, cuja política é dominada pelo Hezbollah, não reconhece a existência de Israel. Por fim, vivem, extremamente próximas, religiões diferentes, como cristãos, drusos e judeus.

A despeito das poucas informações acerca do conflito, já é possível colher as primeiras lições do campo militar úteis às Forças Armadas brasileiras no momento em que o Ministro de Estado da Defesa e o Ministro Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos submetem ao Presidente da República a Estratégia Nacional de Defesa (END)⁶.

Este artigo tem como objetivo expor aspectos militares sobre o conflito em andamento no Oriente Médio - denominado por Israel como Operação Chumbo Fundido - úteis como reflexão para vencer os novos desafios que a implementação da END certamente trará para as instituições militares nacionais.

¹ Grupo palestino, fundamentalista islâmico e que não reconhece Israel nem o Al-Fatah como líder da Autoridade Nacional Palestina. Foi criado em 1987. É o partido sunita do Movimento de Resistência Islâmica. Aliou-se aos radicais xiitas do Hezbollah (baseados no Líbano) para aprender técnicas terroristas, incluindo atentados suicidas.

² Grupo fundado por Yasser Arafat, que renunciou à luta armada e reconheceu a existência de Israel. Sua base, a Cisjordânia, ao contrário da Faixa de Gaza, é próspera e mantém relações comerciais com a Jordânia e com Israel.

³ KLINTOWITZ, Jaime. Sob o ódio dos vizinhos. Revista VEJA, São Paulo, ed. 2009, ano 42, n. 2, jan. 2009. p. 53.

⁴ O Egito é contrário ao Hamas porque o grupo mantém ligações com a Irmandade Muçulmana, que é oposição naquele país.

⁵ Apóia Israel porque tais ações diminuem a influência dos xiitas iranianos no Oriente Médio.

⁶ Para maiores informações sobre a END, consultar o site www.defesa.gov.br

O foco deste estudo são as ações das IDF (*Israel Defense Forces*)⁷, já que possuem a organização e o preparo que as caracteriza como uma força militar regular. Além disso, nesse conflito, realizam operações militares similares às previstas na doutrina militar brasileira.

2. ENTENDENDO O CONFLITO

O conflito na Faixa de Gaza tem suas raízes no século III d. C., quando os judeus foram expulsos de Jerusalém pelos romanos. No século VII d. C., muçulmanos tomaram Jerusalém do Império Bizantino e permitiram, inclusive, o retorno de alguns judeus à cidade. Em 1897, após o congresso sionista, os judeus resolveram retornar para a Terra Santa. Assim, o povo israelense iniciou a ocupação da Palestina, novo nome da região. Todavia, essa área geográfica já estava habitada por meio milhão de árabes, gerando as primeiras discordâncias entre os dois povos.

Embora com um fluxo pequeno de judeus para a região no início do século XX, o número chegou a 600.000 em 1947. Hoje se estima que sejam 5 milhões de judeus e 4,5 milhões de árabes. Naquela oportunidade, viu-se a primeira proposta para solucionar o problema entre árabes e israelenses, quando a ONU sugeriu que a região fosse dividida em dois Estados e Jerusalém se tornasse um “enclave internacional”.

Os árabes não aceitaram a proposta e, em 14 de maio de 1948, Israel proclamou sua independência, sendo atacado pelo Egito, Jordânia, Síria e Líbano, que foram derrotados. Em 1956, seria travada uma guerra no Canal de Suez, vencida por Israel. Outra guerra, conhecida como Guerra dos Seis Dias (1967), seria conduzida contra Israel. Mais uma vez, os judeus venceriam e conquistariam a Cisjordânia, as colinas de Golã e parte de Jerusalém. Com os árabes insatisfeitos com o resultado da guerra anterior, mais um conflito, denominado Yom Kippur (1973), ocorreria com a derrota do Egito e da Síria, finalizando uma fase de grandes embates bélicos.

Em 1987 surgiu a primeira Intifada, que na língua árabe significa “levante”. Seu objetivo foi demonstrar a revolta do povo palestino da região ocupada pelos judeus, já que a ONU havia considerado a presença de tropas israelenses na área ilegal⁸. O resultado foi a morte de palestinos e de judeus em confrontos cuja marca foi o uso de pedras contra tropas israelenses. Em 2000, Ariel Sharon, à época primeiro-ministro de Israel, desencadeou a segunda Intifada ao visitar locais sagrados para os muçulmanos e os judeus. Seu ato foi considerado uma provocação.

Atualmente, Israel ocupa territórios conquistados na Guerra dos Seis Dias, contrariando a resolução 242. De um lado, existem radicais palestinos que se recusam a reconhecer a existência de Israel, como o Hamas e o Hezbollah. De outro, grupos israelenses, também radicais, que se recusam a devolver as terras conquistadas. Esse cenário, sem dúvida alguma, dificulta qualquer tratado

⁷ Forças de Defesa de Israel. Compreende, sob um único comando, forças do mar, de terra e do ar. A IDF é diferente da maioria das forças armadas do mundo por sua organização, onde marinha, exército e força aérea possuem um relacionamento extremamente sinérgico, inclusive no campo da Ciência e Tecnologia, desenvolvendo, dentre outros, o Merkava 4 (carro de combate principal), metralhadoras e rifles de assalto (Uzi, Galil e Tavor). Concomitantemente, desenvolve outros meios de defesa em conjunto com os EUA, como o caça F15I, o sistema de defesa THEL (*Tactical High-Energy Laser*) e mísseis como o *Arrow*.

⁸ Resolução 242, de 22 de novembro de 1967, da ONU.

consistente e duradouro. Nesse ponto, entra a Faixa de Gaza, com toda a sua complexidade.

3. A FAIXA DE GAZA

A região conhecida como Faixa de Gaza está localizada no Oriente médio e se resume a uma figura geométrica de 40 quilômetros de comprimento por 12 de largura na sua parte mais larga e 5,7 km na sua parte mais estreita, perfazendo uma área de 362 km. Faz fronteira com Israel, Egito e com o Mar Mediterrâneo.

A população é de cerca de 1,5 milhão de pessoas, com 99,3% professando a religião muçulmana sunita. É um grande adensamento populacional (4.100 habitantes por km) extremamente pobre, com alta taxa de natalidade (5,6 filhos por mulher), com 80% dos habitantes considerados pobres e 67% da sua mão-de-obra desempregada, possui ingredientes que facilitam grupos radicais, como o Hamas, obter apoio de parte expressiva da população, insatisfeita com as difíceis condições de vida na região.



Figura 1 – Mapa da Faixa de Gaza.

Fonte: < http://www.defesabr.com/EB/eb_mbt_israel.htm>. Acesso em: 7 jan. 2009

4. HAMAS EM GAZA

Em janeiro de 2006, quando houve as eleições para a presidência da Autoridade Nacional Palestina (ANP), o Hamas venceu. Participaram todos os palestinos residentes na Faixa de Gaza, na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental. Ismail Haniya, líder do Hamas, assumiu como Premiê.

Os EUA, Israel e outros países ocidentais iniciaram pressões sobre o novo governo com o objetivo de que o Hamas reconhecesse o Estado de Israel e que cessassem os atos de violência contra os judeus na área, além de acatar os acordos para a divisão de poder com o Al-Fatah. O Hamas não aceitou nenhuma das imposições.

O Al-Fatah e o Hamas iniciaram uma guerra civil na região pelo poder. Em 14 de junho de 2007, o Hamas derrotou o Al-Fatah na Faixa de Gaza e estabeleceu um governo paralelo ao do Al-Fatah na Cisjordânia. Mahmoud Abbas (atualmente

reconhecido pela comunidade internacional como presidente da ANP), líder do Al-Fatah, declarou o governo de Haniya ilegal e indicou Salam Fayyad como novo premiê da ANP, o que o Hamas simplesmente ignorou e mantém, nos dias de hoje, a Faixa de Gaza sob o seu domínio, chamando-a de Hamastão.

Em junho de 2008, o Hamas aceitou uma trégua, mas em dezembro do mesmo ano rompeu o acordo e voltou a atacar Israel por meio de foguetes lançados da Faixa de Gaza. O número de foguetes disparados contra Israel foi de 4 em 2001, 281 em 2004, 946 em 2006 e 1386 em 2008⁹.

5. ASPECTOS MILITARES

a. Israel

Sem dúvida alguma, o poderio militar israelense é expressivamente maior do que o do Hamas, o que caracteriza os combates atuais como um conflito assimétrico¹⁰. As principais características desse poder israelense são a alta tecnologia dos armamentos e outros meios militares, um serviço de inteligência eficaz, um preparo contínuo e voltado para capacidades e não para um inimigo específico, moral alta e uso intensivo de operações psicológicas antes e durante o conflito, em todos os níveis do combate.

Em termos de meios de defesa, Israel utiliza aviões F-16, mísseis Popeye 4¹¹, o satélite Ofek 7¹², helicópteros Cobra e Apache e carros de combate Merkava Mark 4, dentre outros.

b. Hamas

Como todo grupo pequeno e dotado de pouca tecnologia, o Hamas tem como principal eixo da sua estrutura militar a crença e a fé na causa por parte de seus militantes. Utiliza como meio de defesa o fuzil AK-47, o foguete Qassam¹³ e Katyusha¹⁴, além de homens e mulheres-bomba. Tem a seu favor o fato de conhecer a área de combate, ter simpatizantes entre a população e utilizar a mídia para aumentar o seu poder relativo de combate ao mostrar civis, notadamente crianças, mortos e feridos em função de ataques dos judeus.

Outro aspecto que merece ser destacado é o fato de que a maioria das bases do Hamas é localizada em grandes adensamentos civis, muitas vezes tendo famílias palestinas morando no mesmo prédio onde treinam ou preparam ataques. Dessa forma, tais famílias são verdadeiros escudos humanos, dificultando a atuação judia.

O armamento, principalmente os foguetes Katyusha, entram na Faixa de Gaza por meio de contrabando realizado do Egito, através de túneis que ligam as duas regiões.

⁹ GRZYNSKI, Vilma. A guerra dos quatro dias. Revista VEJA, São Paulo, ed. 2004, ano 42, n. 1, jan. 2009. p. 55.

¹⁰ Conceito surgido em 1955 na publicação norte-americana *Joint Warfare of the Armed Forces*. Atualmente, significa um conflito bélico entre forças com substancial diferença no poderio bélico e que podem, muitas das vezes, adotar formas de combate diferentes.

¹¹ Lançado por avião e com alcance de cerca de 78 km.

¹² Fica em uma órbita de 600 km e fotografa a região (Irã, Iraque, Síria e territórios palestinos) a cada 90 minutos.

¹³ Alcance de 12 km, pouca precisão. Fabricados na Faixa de Gaza.

¹⁴ Alcance de 40 km, de fabricação russa.

6. CONDUÇÃO DA GUERRA NOS DIVERSOS NÍVEIS

A condução da guerra, segundo a doutrina militar brasileira, é dividida em 4 níveis: político, estratégico, operacional e tático. Abaixo, estão destacados aspectos relacionados aos três últimos.

a. Nível Estratégico

Após a decisão política de invadir a Faixa de Gaza, medidas estratégicas foram elaboradas. Israel adotou uma posição firme. Seu Objetivo Político, pelo menos aquele difundido pelas autoridades, é a mudança do *status quo*, eliminando a ameaça de atuação do Hamas sobre territórios judeus. Dele, se pode concluir que o Objetivo Estratégico é a neutralização das forças do Hamas e dos seus meios de sustentação.

Como se trata de uma guerra assimétrica, onde o inimigo não se constitui em uma Nação, a escolha do Centro de Gravidade pode ser descrita como eliminar os principais líderes do Hamas, bem como o seu braço armado. Isso já foi atingido, parcialmente, com a morte do clérigo muçulmano Nizar Rayyan, dentre outros.

Outro aspecto, que vale ser destacado, diz respeito à Liberdade de Ação de Israel. Sabendo que ela será limitada, em função da opinião pública internacional, a Operação Chumbo Fundido está se caracterizando pela rapidez no ritmo das operações, por grande violência nas ações, emprego de força aérea e estabelecimento de alvos que facilitem a rápida obtenção dos Objetivos de Guerra.

Destaca-se, ainda, que o uso das operações psicológicas já se faz sentir nesse nível, na medida em que se trava, na mídia, uma intensa campanha, de ambas as partes, no sentido de obter o apoio internacional. A CNN, Fox News, Al- Jazeera e BBC passam boa parte do dia estimulando debates entre autoridades e estudiosos de campos diferentes (palestinos e judeus) a fim de convencer a opinião pública sobre seus pontos de vista. As operações psicológicas, dessa forma, apóiam Israel na consecução de seus objetivos políticos e militares, favorecendo a cooptação de opiniões neutras a seu favor.

Por fim, verifica-se o emprego do sistema de inteligência de forma ampla. A coleta de informes por meios diversos (humanos e tecnológicos) antes do conflito foi fundamental para a seleção dos alvos nas fases aeroestratégica e terrestre. O acompanhamento por parte da eficiente inteligência de Israel, mostra-se uma poderosa arma no sentido de direcionar ataques e poupar vida dos soldados israelenses¹⁵.

b. Nível Operacional

Inicialmente, é fundamental ressaltar que, fruto de sua organização, as IDF têm sua atuação conjunta facilitada. Ou seja, operar de forma conjunta, ao contrário de muitas forças armadas, é regra, não exceção, sendo assim desde os tempos de paz. Sem dúvida, isso facilitou a formulação dos Planos de Campanha para a Operação Chumbo Derretido. Possivelmente, não houve a necessidade sequer da ativação de comandos combinados, haja vista já existirem em tempos de paz. Isso é natural em

¹⁵ Até o dia 10 de janeiro de 2009, 11 soldados de Israel foram mortos (3 por fratricídio) e 3 civis.

função da característica dos conflitos em que Israel se envolveu ao longo da história: necessidade de pronta resposta.

No que tange aos Princípios de Guerra eleitos por Israel, destaca-se que os mais importantes nesse conflito são: Objetivo, Ofensiva, Massa e Manobra.

Em uma primeira análise, pode-se inferir que a manobra operacional foi dividida em 4 fases: campanha aeroestratégica, ataque terrestre, investimento nos principais centros urbanos e estabelecimento de um cessar-fogo.

1) 1ª Fase

Em 27 de dezembro de 2008, Israel adotou o que parece ser a 1ª fase de suas operações combinadas para a Faixa de Gaza, por meio de uma campanha aeroestratégica, atacando com aviões e helicópteros 50 alvos no interior da Faixa de Gaza, resultando na morte de cerca de 200 palestinos no primeiro dia de ataques aéreos. Os alvos selecionados foram os túneis entre o Egito e a Faixa de Gaza, universidades que abrigavam elementos do Hamas, centros de treinamento e depósitos de material bélico (previamente levantados pela inteligência) e outros de valor estratégico, como o Ministério do Interior e residências de líderes do Hamas. Essa 1ª fase durou até 2 de janeiro de 2009 (7 dias).

2) 2ª Fase

No dia 3 de janeiro de 2009, Israel iniciou a 2ª fase de suas operações com o emprego de forças terrestres e navais. Aparentemente, Israel optou por utilizar três direções táticas de atuação (DTA): uma do norte para o sul, saindo de Erez na direção da cidade de Gaza (maior núcleo populacional na Faixa de Gaza), uma de leste para oeste, saindo de Nahal Oz e Kami na direção do mar Mediterrâneo (dividir o território da Faixa de Gaza) e uma da fronteira sul para o oeste, tendo como objetivo a cidade de Rafah (destruir túneis e impedir o envio de armas vindas do Egito), dentro da Faixa de Gaza.

Tanto na primeira como na segunda fase, há relatos¹⁶ de bombardeios navais vindos do Mar Mediterrâneo contra a cidade de Gaza. O objetivo dessa fase seria o isolamento dessa cidade e de outras julgadas importantes, evitando a vinda de reforços do sul, e o controle da principal rodovia que liga o norte da Faixa de Gaza ao sul, na fronteira com o Egito.

¹⁶ FOLHA ON LINE. **Israel interromperá ataques por três horas diárias para entrada de ajuda humanitária.** Disponível em : < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u487080.shtml>> Acesso em: 8 jan. 2009.

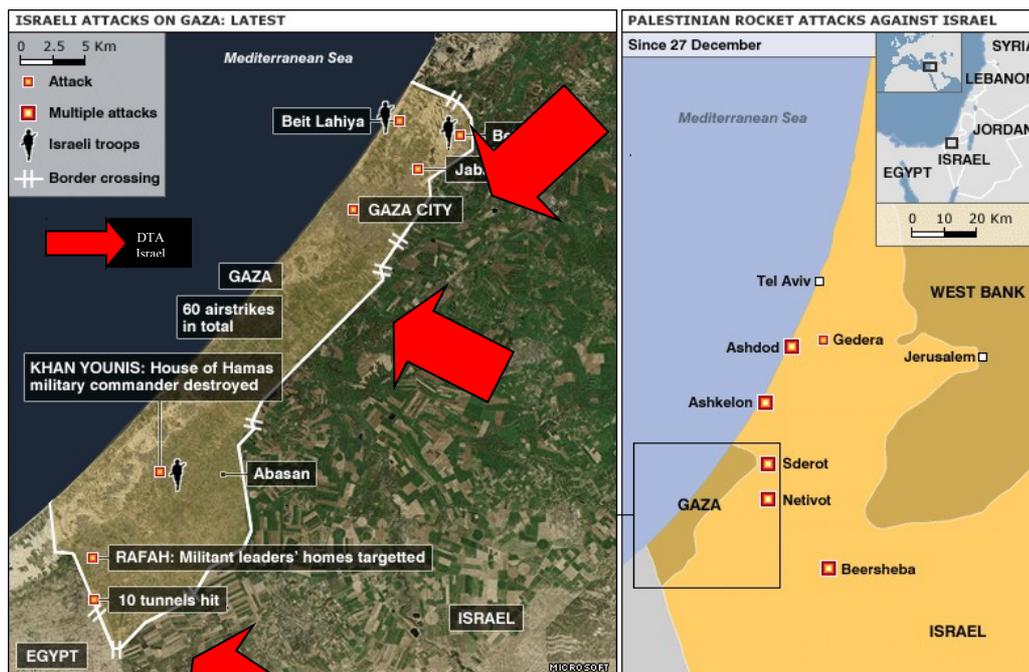


Figura 2 – DTA israelense.

Fonte: < http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/7812136.stm>. Acesso em: 8 jan. 2009. Adaptação do autor.

3) 3ª Fase

Há a previsão de uma 3ª fase¹⁷, cujo objetivo seria o investimento nos principais centros urbanos¹⁸, como a cidade de Gaza, Deir El-Bala, Rafah e Jabaliya, com o intuito de eliminar combatentes do Hamas e destruir arsenais, notadamente os de foguetes. Ao que tudo indica, essa fase teve início na noite de 9 para 10 de janeiro de 2009, quando forças terrestres israelenses intensificaram os bombardeios, investiram sobre as cidades mais importantes¹⁹ e realizaram a divulgação da seguinte nota (G1MUNDO, 2009): "Moradores da Faixa de Gaza: em breve, o Exército (mantive "exército" com letra minúscula porque é transcrição) de Israel atacará com maior intensidade os túneis, os arsenais e as atividades terroristas. Para sua segurança e a de suas famílias, se afastem dos elementos terroristas".

Ehud Olmert, primeiro-ministro de Israel, já ativou a chamada Ordem 8, que convoca reservistas para situação de emergência nacional, demonstrando a convicção de Israel em levar a 3ª fase até o final. Além disso, o governo judeu adiou conversações de paz; ao que parece visando concluir a 3ª fase antes de negociar e passar para a 4ª fase.

¹⁷ FOLHA ON LINE. **Governo de Israel decide manter ataques, mas adia "terceira fase" da operação.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u487299.shtml> Acesso em 7 jan. 2009.

¹⁸ MSN NOTÍCIAS. **Líderes israelenses discutirão "investida final" em Gaza.** Disponível em: <http://noticias.br.msn.com/especial/conflito-em-gaza.aspx?cp-documentid=16617372> Acesso em: 7 jan. 2009.

¹⁹ G1MUNDO. **Israel inicia terceira etapa da ofensiva em Gaza e intensifica ataques.** Disponível em : < <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL950885-5602,00 ISRAEL +INICIA+TERCEIRA+ETAPA+DA+OFENSIVA +EM+GAZA +E+INTENSIFICA+ATAQUES.html>> Acesso em: 12 jan. 2009.

4) 4ª Fase

O que poderia ser denominado como 4ª fase, provavelmente será acertado pelos canais diplomáticos no sentido de se realizar um cessar-fogo e as condições de retorno de Israel às linhas de fronteiras anteriores²⁰. O que se sabe é que o Egito e a França já conseguiram um compromisso por parte de Israel no sentido de permitir, por três horas diárias (entre 11h00 GMT e 14h00 GMT), que agências internacionais humanitárias levem auxílio aos palestinos. Fora dessa “janela de tempo”, os bombardeios continuarão. Foguetes lançados do Líbano, provavelmente pelo Hezbollah, dificultarão a conclusão dessa fase.

c. Nível tático

No campo tático, vê-se o emprego de brigadas com o amplo uso de carros de combate e fuzileiros, apoiados por artilharia autopropulsada e engenharia de combate. O apoio de helicópteros mostra-se fundamental, principalmente pelo fato de a Faixa de Gaza ser extremamente habitada, com a consequente existência de edificações. Os helicópteros servem, portanto, como plataformas de comando e controle e para neutralizar alvos que os carros de combate não conseguem.

As operações noturnas também foram utilizadas. Aparentemente, aumentaram o poder relativo de combate (PRC) dos judeus, já que o Hamas não possui equipamento de visão noturna (EVN).

O fratricídio ocorreu durante a 2ª fase, onde tropas terrestres foram atacadas por fogo amigo em Gaza, resultando na morte de três soldados e 24 feridos. Foram atingidos por tiros de carros de combate israelenses contra o prédio em que se encontravam os militares.

7. REFLEXÕES ÚTEIS PARA IMPLANTAÇÃO DA END

A seguir, foram listados os principais tópicos, sob a ótica do autor, advindas desses dias iniciais do conflito e julgados úteis para reflexão no momento em que se implanta a END.

a. Uso de doutrina convencional

Apesar de algumas opiniões de militares brasileiros de que os combates convencionais, com uso de carros de combate e de infantaria, apoiados por engenharia e artilharia, estariam com os dias contados em favor de tropas especiais e mais leves, não é isso que se vê nesse conflito. A 2ª fase operacional, caracterizada pela invasão terrestre, demonstrou que ainda é importante que escolas do nível da ECEME continuem ensinando os fundamentos doutrinários desse tipo de combate, cujos pontos centrais são as brigadas (no nível tático) e as operações combinadas (no nível operacional).

Um estudo profundo se torna necessário e urgente, a fim de atualizar a doutrina de emprego do exército de campanha, da divisão de exército, da brigada, do apoio logístico e dos dados médios de planejamento (DAMEPLAN), dentre outros aspectos. Como exemplo de necessidade de atualização, cita-se o DAMEPLAN em

²⁰ Israel faz, dentre outras exigências, duas que considera fundamentais: a interrupção imediata do lançamento de foguetes contra territórios israelenses e um embargo de armas para a Faixa de Gaza no sentido de impedir o Hamas de se rearmar e iniciar novos ataques em um curto espaço de tempo.

uso na ECEME. Ele estabelece ser possível penetrar com tropas terrestres blindadas ou mecanizadas 67 km (caso de junção com tropas paraquedistas lançadas a 200 km da LP) ou 60 km (caso de junção com tropas aeromóveis desdobradas a 120 km da LP) em território inimigo a cada 24 horas²¹. Isso seria possível com todas as deficiências que as Forças Armadas brasileiras têm, aliadas à precariedade (estado e quantidade) das vias rodoviárias que apoiassem tal operação no subcontinente sul-americano?²²

É fundamental que, ao se implantar a END, não se caia na armadilha de acreditar que a tecnologia vai ser capaz de resolver os problemas e as inabilidades existentes nas Forças Armadas brasileiras. A tecnologia, em sinergia com uma doutrina bem elaborada e testada, e um preparo voltado para capacidades, é a chave para o sucesso nas operações militares.

É sempre importante destacar: as guerras convencionais que o Brasil poderá enfrentar serão mais similares àquelas travadas na década de 60 e 70 do que as que vemos atualmente em andamento no Iraque e no Afeganistão. Isso se deve a diversos fatores, como: falta de meios modernos em condições de combater²³, falta de apoio e de estrutura logística militar adequada²⁴, falta de prontidão dos equipamentos e dos suprimentos²⁵ e equilíbrio de forças no ambiente operacional continental (AOC).

b. Importância do uso da tecnologia

A END prevê o fortalecimento de três setores estratégicos: o espacial, o cibernético e o nuclear²⁶. O conflito analisado nesse artigo tem demonstrado que o espacial e o cibernético foram utilizados ostensivamente e com êxito. O satélite Ofek 7 forneceu, desde os tempos de paz, informações úteis antes e durante o desencadear das operações. A atuação das IDF em uma rede única de comando e controle, em função de um aparato cibernético moderno, conferiu a eficiência do seu plano de campanha.

c. Operações psicológicas

Em todos os níveis da condução da guerra, as operações psicológicas foram fundamentais para aumentar o PRC das tropas judias. Destaca-se o uso da mídia nos campos estratégico e operacional, seja lançando na imprensa informações que sustentem suas posições, seja lançando folhetos incitando a população palestina contrária ao Hamas a fornecer informações sobre terroristas e dizendo que o fim do conflito está nas mãos dos palestinos²⁷. Merece atenção o fato de que comunicação social tem trabalhado de maneira estreita com operações psicológicas.

²¹ Segundo Dupuy, p. 151, a média histórica desse tipo de ação é de 27 km a cada 24 horas.

²² A doutrina vigente no Exército Brasileiro prevê operações utilizando esses dados.

²³ Mais de 60% dos blindados brasileiros encontram-se indisponíveis para uma missão de combate de longa duração.

²⁴ Inviabiliza operações de grande amplitude e penetração, bem como de longa duração.

²⁵ O Brasil não fabrica munições importantes, como as 105 mm destinadas ao M 60 A3 TTS e Leopard 1A1 e 1A5, dificultando combates de grande duração.

²⁶ BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2008, p. 5.

²⁷ PSYWAR. **Israel looks for Gazan spys; drops thousands of leaflets over Gaza**. Disponível em: <http://www.psywar.org/forum/index.php/topic,378.msg789.html> Acesso em 6 jan. 2009.

d. Papel da mídia

No campo da imprensa, trava-se uma guerra em busca da opinião pública favorável a um ou outro lado. Nesse aspecto, Israel está perdendo. As fotos de mulheres e crianças palestinas mortas, feridas e ensangüentadas, de forte apelo psicológico, têm inundado os jornais e as televisões, fazendo com que até mesmo judeus sintam-se incomodados com o desenrolar da atuação israelense na Faixa de Gaza.

Até o momento, a macabra contabilidade dos mortos é de cerca de 800 palestinos contra 14 judeus, o que contribui para a imprensa apresentar uma tendência em colocar-se a favor dos palestinos.

No entanto, não se pode acreditar que seja uma cobertura isenta para ambos os lados. Quando se retorna a um curto período de tempo, no ano de 2006, quando o Hamas e o Al-Fatah lutaram entre si na Faixa de Gaza, o número de mortos girou em torno de 760 palestinos²⁸. A repercussão na mídia foi sensivelmente menor.

Existem dois fatos que contribuem ainda mais para que Israel perca a batalha na mídia: com tecnologia fácil e barata, o Hamas pode divulgar imagens e comunicados que interessam à sua causa pela Internet, impactando um universo enorme de pessoas a seu favor; o outro fato, diz respeito ao grande desconhecimento dos ocidentais sobre a complexidade do xadrez chamado Oriente Médio, onde um observador atento entende que não é possível tratar o assunto de forma maniqueísta. Diante desse cenário, Israel se colocou em desvantagem, agravando-o ainda mais ao proibir a imprensa de realizar com liberdade o seu trabalho.

A reflexão que se deve fazer é sobre o papel da mídia nos conflitos modernos. Algumas lições podem ser aprendidas desse conflito: evitar cercear o trabalho dos jornalistas, preparar os militares porta-vozes para fornecer informações detalhadas e que esclareçam os fatos, explicar à imprensa, via de regra pouco conhecedora dos assuntos militares, aspectos técnicos das operações militares e seus riscos, além de esclarecer, inclusive com destaque para fatos anteriores, as causas do conflito.

e. Temas ligados ao Direito Internacional e Conflito Armado (DICA)

Há uma grande discussão sobre a legalidade do conflito. Israel se ampara, dentre outros, nos artigos 2 e 51 da Carta da ONU, que permite ações militares para resguardar a legítima defesa. O Hamas tenta convencer que o que está acontecendo é um genocídio²⁹ e que Israel não cumpriu a resolução 242. Ambos os lados utilizam as leis existentes do DICA de forma a favorecer seu posicionamento diante da comunidade internacional. A alta comissária da ONU para os Direitos Humanos, Navi Pillay³⁰, já declarou que políticos e militares israelenses podem ser

²⁸ KLINTOWITZ, Jaime. Sob o ódio dos vizinhos. Revista VEJA, São Paulo, ed. 2095, ano 42, n. 2, jan. 2009. p. 56.

²⁹ De acordo com a interpretação de alguns especialistas no que tange à Convenção sobre Prevenção e a Punição do Crime de Genocídio, no seu artigo 2, o que está ocorrendo na Faixa de Gaza não pode ser considerado genocídio, já que não há a intenção de se eliminar, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, mas integrantes do braço armado do Hamas. No entanto, há outras interpretações que dizem o contrário. Trata-se de mais uma discussão sobre hermenêutica jurídica sem fim.

³⁰ Além do atual posto que ocupa na ONU, foi juíza do Tribunal Internacional que julgou envolvidos no genocídio de Ruanda.

investigados por crimes de guerra, já que alvejaram uma instalação da ONU (uma escola, matando 30 civis) e comboios de ajuda humanitária (com duas mortes).

É fato que é preciso conhecer bem as leis internacionais acerca de conflitos para embasar as ações bélicas e utilizá-las de forma a convencer a opinião pública da legalidade das ações, além de elas propiciarem conhecimentos aos comandantes – em todos os níveis – para que não cometam crimes de guerra que poderão, encerrado o embate, ser julgados por um Tribunal Penal Internacional. A END, alinhada com essa característica dos conflitos modernos, faz menção ao assunto, determinando que os currículos das escolas militares ampliem o assunto³¹.

f. Preparo voltado para capacidades

Devido à gama de inimigos possíveis que Israel enfrenta e enfrentará, torna-se pouco factível o preparo e o adestramento visando a um inimigo específico, já que ele pode variar entre ataques isolados de homens-bomba até incursões por tropas convencionais em território judeu. Preparar-se focando em capacidades foi a solução encontrada pelas IDF. Elas têm capacidade de lutar em terrenos desérticos, em áreas urbanizadas, à noite e de dia e contra inimigos convencionais ou não, dentre outros. A END, por razões diferentes, pois o Brasil não possui inimigos declarados, também faz menção ao treinamento por capacidades³² como um novo parâmetro na preparação dos recursos humanos das Forças Armadas.

g. Indústria nacional de defesa

Israel comprovou o óbvio: possuir indústria de defesa própria confere liberdade de ação nos conflitos em que a opinião pública está dividida e a possibilidade de embargo é expressiva. Ao desenvolver meios de defesa, como o Merkava 4 e mísseis inteligentes próprios, o país não sofreu limitação quanto ao uso, manutenção e fabricação deles.

A END prioriza o desenvolvimento de capacidade industrial no campo de defesa³³ a fim de propiciar ao Brasil liberdade nessa área, evitando-se, inclusive, a dependência de um único país. A linha adotada por Israel parece ser interessante no sentido de se estudar como ela foi implementada ao longo do tempo. Basta ressaltar que nos dias de hoje a indústria de defesa de Israel é considerada “estado da arte” em campos como guerra eletrônica, meios de visão noturna, vigilância e monitoramento em combate, aviônicos e blindagem, dentre outros.

h. Estado-Maior Conjunto

A adoção de um Estado-Maior Conjunto, envolvendo as forças singulares, desde o tempo de paz, confere a Israel rara efetividade nas suas ações bélicas. As adaptações do tempo de paz para o de guerra são mínimas e favorecem os resultados em todos os níveis. O modelo israelense, embora não seja completamente adaptável ao Brasil, tendo em vista algumas peculiaridades das IDF (dimensão territorial pequena, existência de vários países fronteiriços potencialmente adversos, apoio externo dos EUA, divergências religiosas percucientes, baixo tempo de resposta aos possíveis ataques e existência de meios nucleares, dentre outros) deve ser objeto de estudo por parte dos especialistas

³¹ BRASIL, Op. cit., p. 51.

³² Ibidem, p. 8.

³³ Ibidem, p. 26.

brasileiros, servindo como subsídio para medidas a serem adotadas no País que visem ao incremento de processos utilizados por um Estado-Maior Conjunto. A END destaca que “Unificar as operações das três forças, muito além dos limites impostos pelos protocolos de exercícios conjuntos”³⁴ é um objetivo a ser perseguido.

i. Negação do uso do mar

O emprego da Marinha de Israel no Mar Mediterrâneo, com a finalidade de bombardear a cidade de Gaza e de negar o uso do mar aos membros do Hamas - nesse caso para receber armamento por meio de pequenas embarcações - demonstrou o quanto essa tarefa é fundamental quando se tem um litoral envolvido no teatro de operações. No caso brasileiro, haja vista a enorme faixa litorânea, isso se torna uma preocupação vital. O projeto do submarino nuclear destacado na END³⁵ e a determinação de que “a prioridade é assegurar os meios para negar o uso do mar a qualquer concentração de forças inimigas que se aproxime do Brasil por via marítima”³⁶, vai ao encontro desse ensinamento.

8. CONCLUSÃO

Este artigo procurou, em um primeiro momento, analisar os principais aspectos militares advindos da crise entre Israel e o Hamas. Certamente, é um risco tirar conclusões de um conflito em andamento. No entanto, com a velocidade dos acontecimentos nos tempos em que vivemos, esse risco é mais do que aceitável: é necessário. Não se pode esperar que os conflitos acabem para que se filtrem ensinamentos e, somente após isso, se coloquem em prática aqueles julgados pertinentes a um exército. Esse tempo já passou.

Em um segundo momento, buscou-se associar a crise no Oriente Médio com a END. Com o lançamento desse importante documento, há necessidade de que os conhecimentos advindos, mesmo de forma parcial, sejam utilizados o quanto antes. Isso tem uma razão: na END existe um cronograma nas suas disposições finais que estabelece uma série de tarefas a serem concluídas ainda em 2009. Em síntese: a oportunidade é excelente para a reflexão.

Além disso, o conflito em andamento propicia lições no nível tático, o qual não é abrangido pela END. Este rico conjunto de ensinamentos merece, também, ser analisado. O estudo deve prosseguir continuamente em todos os níveis da condução da guerra, servindo para confirmar ou modificar procedimentos táticos e operacionais, DAMEPLAN, emprego de carros de combate, helicópteros, aviões, navios, logística, mídia, comunicação social e outras áreas do interesse militar.

Deve-se, ainda, destacar que a adoção da nova END é um marco histórico em nossas Forças Armadas, pois atende a uma demanda recorrente, não só dos militares, mas de toda a Nação: organizar seus recursos destinados à defesa da Pátria de forma sistemática, efetiva, transparente e perfeitamente alinhada com os objetivos de desenvolvimento do Brasil.

É histórica porquanto trata de assuntos que necessitavam de posições claras do Estado para que suas Forças Armadas tivessem condições de realizar seus

³⁴ Ibidem, p. 5.

³⁵ Ibidem, p. 5.

³⁶ Ibidem, p. 12.

planejamentos focados em objetivos estratégicos claros que, certamente, repercutirão nos níveis operacional e tático.

É histórica porque marca, definitivamente, a liderança do Ministério da Defesa como importante elo na estrutura militar do País, como principal agente na elaboração de uma doutrina estratégica e operacional única e que proporcione a necessária sinergia das ações táticas da Marinha, do Exército e da Força Aérea com se vê nas IDF, por exemplo.

É histórica na medida em que reuniu, de maneira democrática e republicana, expressiva quantidade de representantes civis e militares na sua confecção, procurando, por meio da dialética e do contraditório, as melhores soluções na área da defesa para o Brasil, tendo como pilares as possibilidades econômicas brasileiras e o seu lugar no cenário mundial, cada vez mais de destaque.

Resta-nos conhecê-la detalhadamente e ter em mente que qualquer modificação, planejamento, assessoramento ou projeto – em qualquer nível de decisão – que envolva as Forças Armadas, deve estar alinhado com esse documento. Nesse sentido, todos os militares devem ter pleno conhecimento da END. Para os oficiais possuidores dos cursos de Altos Estudos Militares, assessores por essência, conhecer, discutir e cumprir a END não é uma opção, mas um compromisso profissional e ético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTOLOMÉ, Mariano César. **As guerras assimétricas e de quarta geração segundo o pensamento venezuelano em assuntos de segurança e defesa.** Military Review. Jan-fev 2008. Disponível em <http://www.coter.eb.mil.br/noticias/noticias2008/imagens/not080220-02.pdf> Acesso em: 8 jan. 2008.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa.** Brasília, DF, 2008.

BRASIL. C 124-1: **estratégia.** 3.ed. Brasília, DF, 2001.

FOLHA ON LINE. **Israel interromperá ataques por três horas diárias para entrada de ajuda humanitária.** Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/foha/mundo/ult94u487080.shtml> > Acesso em: 8 jan. 2009.

DUPUY, T.N. **Understanding war. History and theory of combat.** London: Leo Cooper, 1987. 292p.

FOLHA ON LINE. **Governo de Israel decide manter ataques, mas adia "terceira fase" da operação.** Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u487299.shtml> Acesso em 7 jan. 2009.

GRYZINSKI, Vilma. **A guerra dos quatro dias**. Revista VEJA, São Paulo, ed. 2094, ano 42, n. 1, jan. 2009.

MSN NOTÍCIAS. **Líderes israelenses discutirão "investida final" em Gaza**. Disponível em: <http://noticias.br.msn.com/especial/conflito-em-gaza.aspx?cp-documentid=16617372> Acesso em 7 jan. 2009.

PSYWAR. **Israel looks for Gazan spys; drops thousands of leaflets over Gaza**. Disponível em: <http://www.psywar.org/forum/index.php/topic.378.msg789.html> Acesso em 6 jan. 2009.

KLINTOWITZ, Jaime. **Sob o ódio dos vizinhos**. Revista VEJA, São Paulo, ed. 2095, ano 42, n. 2, jan. 2009.

doutorando em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, com ênfase em Logística Militar Terrestre. Possui o MBA de Logística Empresarial da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e foi observador militar da ONU na Costa do Marfim (África). Em 2009, é Chefe da 3ª Seção (Operações e Planejamento) da 1ª Divisão de Exército. (E-mail: majheitor@gmail.com).